

ASCENSÃO FEMININA NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL: UMA ANÁLISE DA NARRATIVA *EUGÊNIA E OS ROBÔS*, DE JANAINA TOKITAKA

Jhonatan Leal da Costa (UFPB)

Orientador: Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues (UFPB)

RESUMO

Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), em pesquisa publicada em fevereiro de 2016, a Paraíba é o 3º Estado do Nordeste mais perigoso para uma mulher viver. De acordo com o levantamento, entre os anos de 2011 e 2013, foram quase 8,0 mulheres assassinadas para cada 100 mil habitantes do gênero feminino, índice superior ao da média nacional, de 4,6 homicídios (GARCIA & SILVA, 2016). Nesse sentido, exercer diálogos mais salutares para com os estudos de gênero e sexualidades, responsáveis por desconstruir preconceitos e (re)significar os papéis atribuídos ao homem e a mulher na esfera social, é uma iniciativa que se faz urgente. Desse modo, esse trabalho tem pertinência por propor, para a sociedade acadêmica de maneira geral, debates e reflexões atuais sobre os modos como a cultura – aqui delimitada pela literatura infanto-juvenil contemporânea, através da obra *Eugênia e os robôs*, de Janaina Tokitaka (2014) – tem sido utilizada como mecanismo de transgressão de comportamentos sociais. Comportamentos, esses, inseridos e diferenciados no/pelo binarismo do *masculino* e *feminino*. Normas sexuais e de gênero socialmente construídas, mas assimiladas, por nós, desde a mais tenra infância, como práticas normais, biológicas e/ou naturais, como assegura Chimamanda Adichie (2015). Com base nessas problematizações, através da narrativa proposta, indagamos: Quais funções possuem as narrativas infanto-juvenis nas aulas de Leitura e Literatura? Que tipo de discurso ideológico estamos reproduzindo no interior de nossas salas de aula? A ficção de Janaina Tokitaka (2014), menos conhecida do grande público, pode apresentar caminhos promissores para tais inquietações. *Eugênia e os robôs* incorpora, como expõe Pinto (2011) ao tratar da literatura infanto-juvenil em vigência, as “transformações estruturais que correspondem às mudanças das concepções de mundo no campo da ciência, das letras e da arte, perdendo um pouco aquele teor essencialmente pedagógico típico da literatura tradicional”. Dessa forma, diferente dos clássicos contos de fadas, os quais anteriormente apresentavam alta carga de influência disciplinadora do patriarcado, agora, a literatura voltada para jovens e crianças, tomada pelo efeito do *boom* tecnológico, se abre para novas possibilidades de ver e enxergar o mundo, priorizando a pluralidade, a igualdade e a diversidade em detrimento do singular, assimétrico e unilateral. Nosso objetivo, portanto, é analisar como as representações menos idealizadas das personagens femininas, em *Eugênia e os robôs*, pode conferir, para os professores e os pequenos leitores, a possibilidade de estabelecerem discussões mais profundas e aproximadas sobre o que é ser mulher, ao respeitar o gênero feminino dentro de uma subjetividade que não precisa ser moldada por anseios e expectativas sociais que só tendem a privilegiar o homem heterossexual. Como meio de fundamentar nossa pesquisa, contaremos com o aporte teórico produzido por Adichie (2015), Beauvoir (2009), Colomer (2007), Hunt (2010), dentre outros, os quais nos levarão a achados que envolvem literatura, cidadania, equidade, ensino e resistência.

Palavras-chave: Literatura infanto-juvenil, mulher, feminismo.

INTRODUÇÃO

Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), em pesquisa publicada em fevereiro de 2016, a Paraíba é o 3º Estado do Nordeste mais perigoso para uma mulher viver. De acordo com o levantamento, entre os anos de 2011 e 2013, foram quase 8,0 mulheres assassinadas para cada 100 mil habitantes do gênero feminino, índice superior ao da média nacional, de 4,6 homicídios. (GARCIA & SILVA, p. 15, 2016).

Desse modo, esse trabalho se faz importante por propor uma reflexão sobre os modos como a cultura – aqui delimitada pela literatura infanto-juvenil – é utilizada como mecanismo de doutrinação ou transgressão de comportamentos. Comportamentos, esses, inseridos e diferenciados no/pelo binarismo do *masculino* e *feminino*. Normas sexuais e de gênero socialmente construídas, mas assimiladas, por nós, desde a mais tenra infância, como práticas normais, biológicas e/ou naturais.

Pois como exemplifica Chimamanda Adichie (2015, p. 27), em quase todas as sociedades contemporâneas existem publicações de “artigos e livros ensinando o que as mulheres devem fazer, como devem ou não devem ser para atrair e agradar os homens. Livros sobre como os homens devem agradar as mulheres são poucos”.

Nesse sentido, para Cássio Eduardo Rodrigues Serafim (2008, p. 148), o despreparo dos profissionais que chegam à escola acaba por, ao invés de combater, reforçar, nos estudantes, os preconceitos da sociedade. Marcos Ribeiro de Melo (2008, p. 314), ao seu modo, acredita que, para a maioria dos professores, seja do nível básico ou superior, o silêncio é a alternativa escolhida para lidar com os impasses relacionados a gênero e sexualidades encontrados em sala de aula. Todavia, esta “não é uma atitude neutra, como alguns podem supostamente pensar”, assevera Melo. Ideia corroborada por Margareth Rago (2014, p. 194), a qual defende que, por trás da postura de suposta “neutralidade” dos educadores não engajados, está omitido um desejo de segregação: “É para isso que serve a escola burguesa: para fazer as pessoas aceitarem cegamente as normas estabelecidas, para incutir valores sociais e morais da classe dominante”.

A escolha da literatura infanto-juvenil como recorte para discussões de gênero e sexualidades, se dá, justamente, pelo fato desta se configurar como um dos principais instrumentos ocidentais de transmissão e manutenção ideológica desde meados do século XVII, quando surgiram as primeiras publicações de Hans Cristian Andersen (*O patinho feio*, *Soldadinho de chumbo*, *A Pequena Sereia*).

De tradição profundamente moral, a literatura voltada para crianças e adolescentes tem atuado, desde o seu primórdio, como uma instância encarregada de apontar, para o seu respectivo público, quais escolhas são mais seguras de serem tomadas, quais características humanas devem ser mantidas e/ou descartadas, bem como determinar quais comportamentos devem ser socialmente aceitos ou repudiados. Em *Crítica, teoria e literatura infantil*, Peter Hunt (2010, p. 43) acrescenta que, para além do valor moralizante, “os livros para criança são uma contribuição valiosa à história social, são vitais para a alfabetização e para a cultura, além de estarem no auge da vanguarda da relação palavra e imagem nas narrativas”.

Com base nesse contexto, indagamos: Quais funções possuem as narrativas infanto-juvenis nas aulas de Leitura e Literatura? Que tipo de discurso ideológico estamos reproduzindo no interior de nossas salas de aula? À essas provocações, somamos as trazidas por Chimamanda Adichie (2015, p. 38): “E se criássemos nossas crianças ressaltando seus talentos, e não seu gênero? E se focássemos em seus interesses, sem considerar gênero?”. A literatura infanto-juvenil contemporânea, menos conhecida do grande público, pode apresentar caminhos promissores para tais inquietações.

É que as obras literárias voltadas para crianças e adolescentes da contemporaneidade, incorporaram, como expõe Pinto (2011, p. 118), as “transformações estruturais que correspondem às mudanças das concepções de mundo no campo da ciência, das letras e da arte, perdendo um pouco aquele teor essencialmente pedagógico típico da literatura tradicional”. Dessa forma, as narrativas que anteriormente possuíam alta carga de influência disciplinadora e pedagógica, agora, tomadas pelo efeito do *boom* tecnológico, se abrem para novas possibilidades de ver e enxergar o mundo, priorizando a pluralidade, a igualdade e a diversidade em detrimento do singular, assimétrico e unilateral.

Obras como *A bolsa amarela*, de Lygia Bojunga (2012), *Menina bonita do laço de fita*, de Ana Maria Machado (2011), *E agora, mãe?*, de Isabel Vieira (1991), *Pretinha, eu?*, de Júlio Emílio Braz (1997), *Espelho, espelho meu*, de Fanny Abramovich (2009) e *A moça tecelã*, de Marina Colasanti, trazem representações menos idealizadas da figura feminina, conferindo, para os professores e os pequenos leitores, a possibilidade de estabelecerem discussões mais profundas e aproximadas sobre o que é ser mulher, ao respeitar o gênero feminino dentro de uma subjetividade que não precisa

ser moldada por anseios e expectativas sociais que só tendem a privilegiar o homem heterossexual.

Para Lúcia de Lourdes Monteiro (2008, p. 128), a literatura infanto-juvenil que trata de temas ligados ao “conhecimento do outro, suas peculiaridades e sua dimensão de gênero e sexual ou humana é um dos caminhos para abrir diálogos” no espaço educacional, além de possibilitar “momentos de reflexão entre os alunos, para que eles possam ver o mundo em sua diversidade e não em suas embalagens e rótulos que marcam negativamente os diferentes”.

Nosso objetivo, portanto, é analisar como as representações menos idealizadas das personagens femininas, delimitada pela obra infanto-juvenil *Eugênia e os robôs*, de Janaina Tokitaka (2014), pode conferir, para os professores e os pequenos leitores, a possibilidade de estabelecer discussões mais profundas e aproximadas sobre o que é ser mulher, ao respeitar o gênero feminino dentro de uma subjetividade que não precisa ser moldada por anseios e expectativas sociais que só tendem a privilegiar o homem heterossexual.

Como meio de fundamentar nossa pesquisa, contaremos com o aporte teórico produzido por Adichie (2015), Beauvoir (2009), Colomer (2007), Hunt (2010), dentre outros, os quais nos levarão a achados que envolvem literatura, cidadania, equidade e resistência.

SER MULHER

Para Tereza Colomer, o ensino de Literatura nas escolas deve se projetar para uma perspectiva globalizante, em que o leitor possa estabelecer sentido para os mais variados símbolos e discursos, o que o ajudará a ter uma compreensão mais consistente de si mesmo e do mundo. Ao professor de Literatura, caberia o entendimento de que as obras literárias infanto-juvenis se dividem, hierarquicamente, tanto na experiência de leitura que podem fornecer para o jovem leitor, como na facilitação e transferência de competências de leitura literária.

Assim, a partir dos estudos da literatura infantil e juvenil também surgiram vozes que insistiram em que o acesso aos livros literários é necessário para proporcionar às crianças as distintas formas de representação da realidade, para projetar e construir a intimidade do leitor, distanciar-se criticamente do discurso, descobrir a alteridade, evadir-se, imaginar, observar as potencialidades da linguagem, compatibilizar as distintas culturas a que

pertencem ou situar-se nessa “fronteira indômita” de que fala Montes. (COLOMER, 2007, p. 131).

Se, como infere Colomer, a literatura infanto-juvenil pode carregar a função de expor para o jovem leitor as compatibilizações e distinções culturais, fazendo-o “descobrir a alteridade”, o ensino de literatura nas escolas pode – e deve – contemplar os estudos de gênero e sexualidades através de obras que abordem facetas da humanidade das quais as crianças e adolescentes talvez não tenham tido a oportunidade de conhecer, debater e refletir: como o machismo e a homofobia que discriminam, segregam e matam.

Apesar disso, vários são (a exemplo de pais, políticos e professores) os que sustentam que os adolescentes e, em especial, as crianças, devem ser protegidas do acesso a informações “desagradáveis”, “insólitas”, “vulgares” e/ou “inapropriadas”, responsáveis por desconstruírem a imagem do mundo romântico e idealizado falseado na mente de seus pupilos:

Muitos pais acreditam que só [...] imagens agradáveis e otimistas deveriam ser apresentadas à criança – que ela só deveria se expor ao lado agradável das coisas. Mas essa dieta unilateral nutre apenas unilateralmente o espírito, e a vida real não é só sorrisos. (BETTLHEIM, 2014, p. 15).

Sabemos que a imaginação e a criatividade devem ser estimuladas e valorizadas, mas não quando elas são utilizadas como motivos de boicote e/ou inviabilização de ações contempladoras de causas minoritárias, como o projeto político de ensino que traz visibilidade e valorização de mulheres em posições de poder. Posicionamento compartilhado por Monteiro (2008, p. 124), o qual percebe que “obras que tratam do mal, da morte, da violência na escola, da sexualidade, do homoerotismo, são, em geral, consideradas ousadas, perigosas, inadequadas pelos docentes, e costumam passar longe da sala de aula”, pois os conversadores sabem que “nelas reside a possibilidade de, por meio da ficção, reconhecer e discutir os enigmas da existência humana e a problemática das relações sociais”.

É por essa razão que, como publicou Chimamanda Adichie (2015, p. 36-7), em *Sejamos todos feministas*, os papéis de gênero precisam ser questionados com todos os grupos sociais. Para a autora, que também escreve livros de temáticas problematizadoras do sistema patriarcal, o entrave da questão de gênero é que ele “prescreve como *devemos* ser em vez de reconhecer como *somos*. Seríamos bem mais felizes, mais livres para sermos quem realmente somos, se não tivéssemos o peso das expectativas do gênero”.

Entendemos por gênero, em consonância com Pinto (2008, p. 139), o “conjunto de traços construídos na esfera social e cultural que definem, conseqüentemente, quais os gestos, os comportamentos, as atitudes, os modos de vestir, falar e agir, para homens e mulheres”.

As complicações surgem, quando, movidos por equívocos históricos e culturais, relacionamos o gênero de um sujeito ao seu sexo biológico. É quando acreditamos erroneamente que, se um alguém é do sexo masculino, ele necessariamente deve se portar de maneira firme, viril, destemida, além de nutrir sentimentos como ambição e frieza de emoções; ao passo que tendemos a criar a expectativa de que, se um sujeito é do sexo feminino, ele necessariamente precisa ser frágil, submisso, inseguro, “puro” e passional.

Pautada em tais pensamentos, Simone de Beauvoir (2009, p. 321) lança a máxima de que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, visto ser a noção que temos do que é ser mulher, a consequência de uma construção social. “Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto”, conforme veremos, brevemente, através da personagem Eugênia, na análise seguinte.

PARA ALÉM DOS ESTERIÓTIPOS

O livro *Eugênia e os robôs* traz, como protagonista, uma garota de 11 anos que carrega o nome título da narrativa. Com evidentes problemas relacionais, Eugênia tem dificuldade em se aproximar dos pais e estreitar laços com os colegas da escola. Passa o dia trancafiada em seu quarto, em volta aos livros, estudando ciência e criando robôs como substitutos de amigos. Se vê de maneira diferenciada e, apesar de ser menina, não se identifica com os papéis sociais de gênero historicamente calcificados naquilo que a cultura patriarcal compreende por *ser mulher*. Não gosta de bonecas, odeia a cor rosa, não se sente confortável em grupinhos de meninas.

O narrador em terceira pessoa, já na abertura do livro, expõe a temática das diferenças – a ser evoluída e discutida ao longo de toda a diegese – da seguinte maneira:

Uma coisa é certa: existem tantos tipos de crianças no mundo quanto há diferentes espécies no oceano. Eu explico: assim como não é possível encontrar duas sardinhas exatamente iguais, por exemplo, certamente não há filhote de gente um como o outro (TOKITAKA, 2014, p. 09).

Ao demarcar, desde as suas primeiras linhas, a diferença como uma característica natural do ser vivo, a narrativa em tela descontrói boa parte das histórias infanto-juvenis calcificadas em nosso imaginário, as quais, quando apresentam protagonistas mulheres, insistem em enquadrá-las em padronizações, como se todas as “mocinhas” devessem sair de uma mesma fôrma. Em *Eugênia e os robôs*, longe de ser ou buscar ser igual as representações normatizadas da imagem feminina, a personagem principal vai se moldando é pela alteridade: “Acho que eu esqueci de mencionar uma coisa muito importante sobre Eugênia: ela era muito inteligente. Mesmo. Muito mais inteligente do que eu, você, Albert Einstein, Leonardo da Vinci e o cara que inventou o videogame” (TOKITAKA, 2014, p. 13).

Assim, caracterizada pela inteligência – a qual chega a ser considerada, pela narradora, superior a de muitos homens consagrados – Eugênia, a qual traz em seu próprio nome a ideia de genialidade, é arquitetada como uma menina/mulher que estabelece condições de completa igualdade com o masculino. Para Chimamanda Adichie (2015, o. 17):

Se repetimos uma coisa várias vezes, ela se torna normal. Se vemos uma coisa com frequência, ela se torna normal. Se só os meninos são escolhidos como monitores da classe, então em algum momento nós todos acharemos, mesmo que inconscientemente, que só um menino pode ser o monitor da classe. Se só os homens ocupam cargos de chefia nas empresas, começamos a achar “normal” que esses cargos de chefia só sejam ocupados por homens.

Desse modo, a narrativa em análise se faz importante por apresentar ao público leitor uma enfoque sobre o ser mulher que culturalmente tende a ser negligenciado: a noção de que a mulher, mais do que ter aptidão para áreas estereotipadas, como moda e beleza, está apta a lidar com questões que envolvam a cognição e o intelecto, podendo-se saírem-se melhor do que muitos homens, uma vez que a capacidade intelectual, diferente do que apregoa a sociedade falocêntrica, nada tem a haver com questões de gênero, conforme expusera Simone de Beauvoir (2009).

A narrativa continua em seu intento de desconstruir as marcações de gênero culturalmente atribuídas ao feminino, quando, na escola, Eugênia faz de tudo para evitar uma garota do colégio com a qual não se identifica:

Já estava no quinto ou sexto haicai quando ouviu passos e viu pelo vão da portinha do banheiro dois sapatos familiares se aproximando. Eugênia gelou. Ela odiava aqueles cadarços cor-de-rosa mais do que tudo na vida e podia reconhecer aquele horrível adesivo holográfico colado na pontinha do tênis em qualquer lugar do mundo. Era Daniela, com certeza. Que menina desprezível, com suas pulseirinhas de miçangas e seu sorriso falso. Eugênia

sabia que, por detrás dos cadernos com cheiro de chiclete, existia um monstro que faria qualquer conde drácula parecer um carneirinho”. (TOKITAKA, 2014, p. 33)

A passagem exposta através deste fragmento é representativa em mais de um ponto para o que estamos ensejando nesta curta análise. É significativo o fato de, mais uma vez, Eugênia está desenvolvendo atividades ligadas ao desenvolvimento intelectual, através da leitura de pequenos poemas, os haicais. Continuamente, é notável o engodo com que Eugênia assimila as características de Daniela, a qual faz uso de artefatos estereotipadamente atribuídos ao feminino, como os “cadarços cor-de-rosa” e os “cadernos com cheiro de chiclete”. A recusa a apreciação da maneira como a rival está composta, acaba por expor a ideologia de desprezo, pouco a pouco construída na/pela obra, por tudo o que se vincula ao engessamento do universo da mulher, a qual dispõe de potencialidades que estão para muito além da superficialidade estética que insistem em reduzi-la.

Nesse sentido, as demais personagens femininas da obra vão compondo o mosaico de possibilidades para o ser mulher, a qual tanto pode se encontrar fascinada pelo universo intelectual, científico, como Eugênia, como pode se sentir livre para corresponder ao desejo de seguir o padrão, com o faz Daniela, confortável em aceitar as demarcações de gênero que lhe foram impostas. No universo ficcional alicerçado por Tokitaka (2014, p. 49), o que não pode é uma mulher se sentir inibida de ser ou fazer o que gosta por questões determinadas pela cultura, de modo que o fato de não ser homem não lhe deve ser entendido como empecilho para se interessar por futebol, por exemplo: “Era uma manhã tranquila e agradável. A diretora, a alguns quilômetros dali, abria sua barra de chocolate matinal e lia o caderno de esportes. O Palmeiras tinha perdido de novo”.

CONSIDERAÇÕES

Diferente dos clássicos contos de fadas, os quais anteriormente apresentavam alta carga de influência disciplinadora do patriarcado, agora, a literatura voltada para jovens e crianças, conforme pudemos observar através da obra *Eugênia e os robôs*, se abre para novas possibilidades de ver e enxergar a mulher e o mundo, priorizando a

pluralidade, a igualdade e a diversidade em detrimento do singular, assimétrico e unilateral.

Ao se distanciarem do conservadorismo e abrirem-se para o novo, tanto a literatura infanto-juvenil contemporânea, bem como as escolas e universidades que fazem uso dela, “deixarão de ser apenas um espaço de reprodução de valores, e funcionarão como espaços de transformação, pois passarão a construir uma nova mentalidade no homem que resulte no respeito”. (MONTEIRO, 2008, p. 132). Uma vez instituídos enquanto espaços de construção de padrões democráticos, cabem aos colégios e faculdades tornarem exequível o debate referente aos papéis de gênero, se empenhando na propagação de discursos que desconstruam o que foi socialmente impingido, por milhões de anos, nas equivocadas noções transmitidas sobre o que é ser homem e o que é ser mulher.

Acreditamos que a literatura infanto-juvenil possui um grande destaque nesse longo processo de transformação e amadurecimento intelectual da sociedade brasileira, ainda tão presa à valores conservadores que oprimem e violentam mulheres. Pois, mais do que falar sobre o gênero ou as (des)construções humanas, essas histórias para crianças e adolescentes tem muito mais importância do que se pode pensar, porque, como revela Cavalcanti (2002, p. 55), elas falam da “vida, de homens e mulheres, valores, crenças, desejos, vida, morte, bem, mal, poder, coragem, astúcia, esperteza, preguiça, gula, cobiça, enfim, do infinito e grandioso universo humano”.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Espelho, espelho meu**. São Paulo: Atual, 2009.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ANDERSEN, Hans Christian. **O patinho feio**. São Paulo: Editora Scipione, 2009.

_____. **O soldadinho de chumbo**. São Paulo: Melhoramentos, 2014.

_____. **A pequena sereia**. Recife: SM Editora, 2011.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

BOJUNGA, Lygia. **A bolsa amarela**. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2012.

BRAZ, Júlio Emílio. **Pretinha, eu?**. São Paulo: Scipione, 1997.

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil – dinâmicas e vivências na ação pedagógica**. São Paulo: Paulus, 2002.

COLASANTI, Marina. **A moça tecelã**. São Paulo: Global, 2004.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros – a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.

GARCIA, Leila Posenato & SILVA, Gabriela Drummond Marques da. “Mortalidade de mulheres no Brasil: perfil e estimativas corrigidas (2011-2013)”. **Texto para discussão/ Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Brasília**. Rio de Janeiro: IPEA, 2016.

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. São Paulo, Cosac Naify, 2010.

MACHADO, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita**. São Paulo: Ática, 2011.

MONTEIRO, Lúcia de Lourdes. “Literatura Infantil de temática homoerótica no currículo escolar: uma abordagem de conteúdo a partir dos PCN”. In: SILVA, Antonio de Pádua Dias da (org.). **Aspectos da literatura gay**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008.

PINTO, Kyssia Rafaela Almeida. “Sobre o romance juvenil de temática homoafetiva”. In: SILVA, Antonio de Pádua Dias da (org.). **Literatura contemporânea e homoafetividade**. João Pessoa: Realize Editora; Editora Universitária da UFPB, 2011.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar – a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista**. São Paulo: Paz e terra, 2014.

SERAFIM, Cássio Eduardo Rodrigues. “Práticas curriculares, sexualidade e ensino de português: (des)encantos docentes em contexto universitário”. In: SILVA, Antonio de Pádua Dias da (org.). **Identidades de gênero e práticas discursivas**. Campina Grande: EDUEPB, 2008.

TOKITAKA, JANAINA. **Eugênia e os robôs**. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

VIEIRA, Isabel. **E agora, mãe?**. São Paulo: Moderna, 1991.